



São Paulo, 20 de Agosto de 2012

## **Encontro Temático CRP ABC**

### **Formação em Psicologia**

Há 50 anos a profissão do psicólogo foi regulamentada com a Lei n. 4119 de 1962. Época em que vivíamos intensa repressão política e o regime militar. Assim então, nasce uma psicologia elitista, onde o povo era visto como o problema e a psicologia como a resolução. Devido à grande influência europeia, um dos principais deveres da psicologia era dizer que em nosso país havia pessoas de duas categorias: brancos e negros. Categorias essas que possuíam diversas diferenças cognitivas, desconsiderando as sociais. Hoje vivenciamos a privatização e medicalização da saúde, aumento de leitos em hospitais psiquiátricos, patologização das identidades trans, repressão aos movimentos sociais, influência da ditadura em nossas polícias, péssimas condições para mulheres encarceradas, e até mesmo propostas de cura para homossexuais.

Mas afinal de contas, o que mudaria em nossa formação se realidades como essas fossem incluídas na grade curricular? A Psicologia de hoje não está extremamente bem em seus princípios e cumprimentos? Essas questões que fiquem para os políticos, sociólogos e médicos?

Se pensarmos na universidade como um aparelho ideológico que reproduz a sociedade em que vivemos, sociedade esta exploradora, dominadora e rentável apenas para um grupo de pessoas que alcançam um espaço de poder (cá entre nós, não se cursa graduação para tornar-se operário), conseguimos responder essas perguntas.

O ensino transmitido pelas universidades é de suma importância para a psicologia, como os estágios práticos e suas lições epistemológicas - mas infelizmente com a formação criada e mantida por esta classe dominante e rentável, o ensino acaba sendo levado para uma pequena área de atuação dificultando a construção de uma consciência crítica. Enquanto estudantes nos são oferecidas teorias que não revelam as sutilezas do sistema, nos mantendo em uma situação alienante, como se enxergássemos a realidade através de um véu, e como se esta realidade jamais pudesse ser modificada. Também nos é oferecido um estágio com diversas delimitações, a principal é que um estagiário não deve ser um agente transformador. Então para quê estagiar e mais uma vez ser colocado em uma posição passiva diante da realidade da nossa sociedade? O psicólogo conseguiu sair das quatro paredes de uma clínica, mas aprendemos em nossas aulas a manter essa escuta clínica mesmo em outras áreas. O olhar para o outro e para o mundo que nos cerca, é ditado para ser realizado através do véu que nos é imposto assim que entramos em nossas universidades.

Mas nisso há uma grande contradição: nós, enquanto estudantes, fazemos essa aliança com o poder (afinal, estudamos anos para alcançá-lo), e depois reclamamos de corrupção, violência, desigualdade social, sem darmos conta de que nós mesmos sustentamos todas essas situações que nos incomodam, chocam. Não basta pensar - ou ter a ação somente depois de formados, é necessária uma formação condizente com a realidade ocultada pela grande mídia e pelas classes dominantes, leitura teórica tanto para criticar quanto para construir, diálogo com a sociedade e outros movimentos sociais que transpassem a folha de papel de um relatório, e principalmente pressão do movimento estudantil unido em nossas universidades para tais mudanças. A nossa formação vai além da universidade, ela tem que estar onde a psique humana está presente: nas artes, nas ruas, nas lutas!

***COREP-SP***